

## **COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL: "O ATO DE CONVIDAR" ENTRE BRASILEIROS E AMERICANOS<sup>1</sup>**

Ana Antônia de Assis (UFMT)

Para Dra. Nessa Wolfson  
(in memoriam)

**ABSTRACT:** This paper attempts to analyze a small set of oral invitations given and received between American-Brazilian, Brazilian-Brazilian, and American-American interactions in the United States. Sociolinguistic differences in speech behavior may lead to painful cross-cultural confusion and miscommunication. The distinction between American monochronic-time oriented invitations and Brazilian polychronic-time oriented invitations may lead Brazilians to think that Americans' invitations are very difficult to negotiate because they are always "busy". Also, sometimes American courtesy may be understood as friendship by Brazilians.

Desde que Dell Hymes (1972) questionou o "modelo ideal de uma comunidade falante homogênea" e de "um falante-ouvinte ideal", ambos propostos por Chomsky, reconhece-se, freqüentemente, que comunidades de fala

---

<sup>1</sup>. Este trabalho é uma versão de um "paper" originalmente escrito, sob o título "Brazilians and Americans: A preliminary study on invitations from a cross-cultural perspective" (Brasileiros e americanos: um estudo preliminar sobre convites através de uma perspectiva intercultural), para o curso "Análise do Comportamento Verbal", ministrado pela Dra. Nessa Wolfson, na Universidade da Pensilvânia, em 1988.

dentro de um mesmo país ou no mundo podem ter regras sociais e culturais diferentes que restringem o comportamento verbal. Pesquisas sociolingüísticas, realizadas nos Estados Unidos, nestas últimas décadas, têm procurado investigar o comportamento verbal sob o ponto de vista intercultural, uma vez que o mundo falante de inglês consiste de um grande número de falantes nativos e não nativos. Na verdade, tem-se dito que os desentendimentos interculturais na interação nativo e não nativo são muito mais devido ao uso inapropriado de regras pragmáticas/sociolingüísticas do que ao emprego incorreto de estruturas gramaticais. Além disso, a literatura relata que a quebra de regras sociolingüísticas é muito mais ofensiva para o nativo de que um erro gramatical. A lingüista e sociolingüista norte-americana Ervin-Tripp (1972) chega a sugerir que se regras sociolingüísticas são aprendidas imperfeitamente é conveniente manter o sotaque estrangeiro. Se erros ocorrerem, é melhor ser identificado como estrangeiro do que correr o risco de ser insultado pelo falante nativo.

Nos Estados Unidos, enquanto fazia um curso de análise conversacional e comunicação intercultural, decidi investigar aquela "sensação de desconforto" que sentia quando convidada por ou tentava convidar alguns colegas americanos para fazer alguma coisa. Não estava sozinha nesta preocupação. Outros pesquisadores, embora de modo diferente, também relataram tipos de "choques culturais". Godard (1977), que é francesa, por exemplo, mencionou que ficou chocada ao notar que atender telefone nos Estados Unidos não requer que aquele/aquela que chamou diga o seu nome, e no caso de pessoa conhecida, converse com a pessoa que atendeu o telefone, como é de costume na França. Wolfson (1981,1983), por sua vez, ficou intrigada com os comentários feitos por alunos estrangeiros, nos Estados Unidos, de que os americanos não eram sinceros ao fazerem convites (eles faziam promessas de convites que nunca eram cumpridas).

Wolfson (1981), ao investigar o comportamento verbal cotidiano de americanos, coletou dados sobre o ato de convidar. Os seus dados referem-se a americanos urbanos de classe média. Seus resultados mostram que longe de serem insinceros ou frios e difíceis de fazer amizade, americanos

hesitam em se colocarem numa posição em que possam ser rejeitados. Portanto, quando sugerem um encontro social, eles fazem um primeiro movimento para negociar o convite, que para ser bem-sucedido, depende da cooperação de ambos interlocutores.

Motivada pelo tipo de pesquisa realizada por Wolfson ( 1981, 1983, 1984) para descobrir regras sociolingüísticas e culturais na interação verbal e pela "sensação de desconforto" com o ato de convidar ao interagir com americanos, decidi coletar, através de gravação espontânea e anotações de campo, exemplos de convites na interação oral a fim de verificar as semelhanças e diferenças essenciais entre a cultura brasileira e a americana no ato de convidar.

Este trabalho, portanto, examina convites recebidos e feitos entre brasileiros, entre americanos, entre brasileiros e americanos, e os compara com os resultados demonstrados pelo trabalho de Wolfson (1981) e Wolfson, Huber e D'Amico-Reisner (1983). É importante lembrar que este trabalho não tenciona fazer quaisquer generalizações acerca de como brasileiros interagem ao convidar já que a análise é restrita a um número limitado de dados (34 exemplos) e contextos. A intenção é de levantar algumas hipóteses iniciais que podem merecer futuras investigações.

### **Sobre a coleta dos dados**

O conjunto de exemplos é constituído de 14 exemplos entre brasileiros, 16 entre brasileiros e americanos, e 4 entre americanos. Do total de 34 exemplos, somente 5 foram gravados. Os outros são situações de fala que observei ou de que participei e que anotei ao ocorrerem. Se, por um lado, pode parecer que os exemplos foram afetados pelo fato de que como pesquisadora participante estivesse consciente de que o ato de fala de interesse era convite, por outro lado, os outros participantes não sabiam. De acordo com Schneider (citada em Wolfson, 1985, p. 2), ser falante nativo e membro da comunidade de fala sob análise nos coloca "em uma posição excepcionalmente boa para manter os fatos e a teoria no seu relacionamento mais produtivo."

Os exemplos dentro da comunidade brasileira são restritos a mulheres (14 exemplos entre os quais 4 são de alunas de pós-graduação na universidade da Pensilvânia e 3 são de fora da comunidade acadêmica), exceto por 2 exemplos em que homens interagem com uma mulher.

Os exemplos coletados entre americanos e brasileiros também consistem na sua maioria de interações entre mulheres (14 exemplos) e somente 2 são entre homem e mulher. No total, o status social dos participantes é de amigos. A idade varia entre 30 e 45 anos e a duração da estada dos brasileiros nos Estados Unidos é aproximadamente de 3 anos para 3 dos alunos de pós-graduação e 18 para os brasileiros fora da comunidade acadêmica. [A duração da estada de algumas das mulheres brasileiras (18 anos nos Estados Unidos) pode representar uma desvantagem e indicar que o comportamento verbal das mesmas já tivesse sido totalmente afetado pelas normas americanas.] No entanto, os dados coletados com estas participantes referem-se à interação com outros brasileiros, e não com americanos, portanto, o seu comportamento verbal do ato de fala em análise (convite) indica que pode normas separadas para cada comunidade, como veremos na discussão.

Os brasileiros que participaram da interação com americanos, apesar de já estarem vivendo nos Estados Unidos há 3 anos, podem ter sido menos afetados pelas normas americanas. Isto pode ser inferido pela minha própria participação nos dados. Ao examinar alguns exemplos notei que mesmo após ter sobrevivido à fase do choque cultural (primeiros meses de estada), e mesmo já provavelmente consciente de algumas regras sociolingüísticas, alguém ainda pode se "comportar ou se sentir brasileiro."

### **Sobre a análise**

Se olharmos para os seguintes exemplos:

comunidade acadêmica/ (A= americano(a)/B= brasileiro(a), em todos os exemplos)

1. B: Oh! You're eating! )  
(Oh! Você está comendo?) (abrindo a porta da sala 30)
- A: I have only one fork. Do you have a fork? Would you like to share?  
(Tenho somente um garfo. Você tem outro? Quer dividir?)
- B: Oh no thank you.  
(Oh não, obrigada.) (Fecha a porta e vai embora)
2. A: Are you going to have lunch late at the department?  
(Você vai almoçar mais tarde no departamento?)
- B: No, thank you. I've just had my breakfast.  
(Não, obrigada. Acabei de tomar café)
3. A: So I'll see you tomorrow. Do you wanna talk about it while having lunch?  
(Vejo você amanhã. Quer falar sobre isso enquanto almoçamos?)
- B: Tomorrow?  
(Amanhã?)
- A: Before class, Tuesday.  
(Antes da aula, na terça.)
- B: Let me think. I don't think we need a meeting to decide about that.  
(Vou pensar. Não acho que precisamos nos encontrar para decidir isso.)
4. A: Are you getting lunch?  
(Você vai almoçar?)
- B: Yes, probably.  
(Acho que sim.)
- B: I'll go swimming and I'll get back to have lunch.  
(Vou nadar e volto para almoçarmos.)
- A: Okay. I'll wait for you to have lunch with you.  
(Ok. Vou esperar por você para almoçarmos.)

notamos que, exceto pelo exemplo 4, a falante brasileira não aceita nenhum dos convites. No exemplo (1), B não conhece A (este é o único exemplo entre pessoas estranhas) e pode-se argumentar que por esta razão B (a brasileira) recusa o convite. Há momentos que realmente não queremos aceitar convites, seja no Brasil ou nos Estados Unidos. Neste exemplo, não há problema de quebra na comunicação. De acordo com Wolfson (1981), uma das funções do ato de convidar, assim como do ato de elogiar, é iniciar uma conversa/interação social, porém, esta função, na maioria das vezes, não é reconhecida pelos falantes não nativos de inglês. Este parece ser o caso de B que, apesar de recusar os convites de A de maneira apropriada, nos exemplos 1, 2 e 3 não percebe a força ilocucionária do ato de convidar (iniciar interação social), cortando a oportunidade de interagir com americanos e, conseqüentemente, de praticar o seu inglês. Através dos exemplos descritos acima, pode-se dizer que o conhecimento de regras sociolingüísticas (B, como aluna de pós-graduação, certamente havia lido sobre a "função ambígua de convites", em Wolfson (1981)) não garante o seu uso apropriado a todo o momento.

Retomando o exemplo 3, a recusa e desculpa de B ao não aceitar o convite podem soar estranho para um americano e não entender porque não podem almoçar juntos para discutir um assunto acadêmico. Dois pontos podem ser mencionados aqui: ou o tópico não foi apropriado, ou o lugar e a hora escolhidos para o evento. De fato, ambos são importantes. A intuição nativa pode ajudar aqui na interpretação dos dados.

Desde que havia chegado aos Estados Unidos, surpreendia-me o fato de que os americanos sentissem que precisam agendar tudo. Assim, no exemplo 3, B (apesar de já estar vivendo nos Estados Unidos há 3 anos) ainda apresenta uma reação brasileira e mostra descontentamento (recusa) ao inferir que subjacente ao convite há o encontro para se discutir um assunto acadêmico.

Edward Hall (citado em Harrison, 1986), ao tentar explicar os estereótipos "Americanos são sempre pontuais" e "Brasileiros estão sempre atrasados", faz a seguinte distinção. Os americanos tendem a organizar o seu tempo monocronicamente, isto é, eles tendem a se concentrar em

uma coisa de cada vez e agendam os eventos individualmente. Esta é a razão porque são tão preocupados com pontualidade. Os brasileiros, por sua vez, organizam o seu tempo policronicamente, ou seja, atendem a várias coisas acontecendo ao mesmo tempo. Preocupam-se mais com o relacionamento interpessoal e a completude de transações do que com a adesão a horários.

Portanto, no exemplo 3, a recusa de B pode ter sido acionada pelo fato de que os convites para almoço na universidade, muitas vezes, revelaram-se como sendo "almoços de negócios." No Brasil (pelo menos em cidades pequenas), se alguém quiser discutir assuntos acadêmicos parece que o lugar apropriado para isso não seria um restaurante e o tempo apropriado não seria a hora do almoço. Vale lembrar que B vem de uma cidade do interior com população de 400.000 onde a maioria das pessoas de classe média ainda têm tempo de ir para casa almoçar. Os brasileiros que vivem nos grandes centros urbanos e industriais como São Paulo e Rio de Janeiro estão cada vez mais agendando as suas coisas a fazer de acordo com o tempo monocrônico, como os americanos. Por outro lado, isto não quer dizer que em cidades menores não há "almoços de negócios", apenas esta parece não ser a prática ou norma entre colegas na comunidade acadêmica.

Uma das coisas que me chamou atenção, assim que cheguei nos Estados Unidos, foi o fato de que colegas americanos, quando solicitados para discutir um assunto acadêmico, geralmente, convidavam-me para almoçar. No começo da minha estada, interpretava aqueles convites como sendo o começo de uma amizade e não como um mero ato de cortesia. Sair juntos para almoçar, de acordo com as minhas expectativas de brasileira, seria sair para "bater papo" e conhecer a outra pessoa. Mas, os americanos, geralmente, combinam os dois: "negócios" e "amizade".

Curiosamente, o descompasso entre o modo de convidar de americanos e brasileiros não está tanto nas estruturas sintáticas, mas recai em que **tópicos discutir em quais lugares**. Certamente, no Brasil, um convite para almoçar num restaurante dentro ou perto da universidade e entre colegas universitários ou amigos não seria tão centrado

em estudos/negócios e tomaria mais tempo do que parece tomar nos Estados Unidos.

Exemplos 5 e 6 trazem um outro aspecto relacionado com tempo.

alunas de pós-graduação/americana e brasileira/  
comunidade universitária/início de março

5. A: Do you have something to do on March 26th?  
(Você tem alguma coisa para fazer no dia 26 de março?)
- B: Not that I know of.  
(Que eu saiba, não)
- A: Do you think you can come over for lunch? Or dinner? It's up to you. Why don't you check your schedule and let me know?  
(Você acha que pode vir a minha casa para almoçar? Ou jantar? Sua escolha. Por que não checa a sua agenda e me avisa?)
- B: Well, I guess it will be fine. **But remind me before that all right?**  
(Bem, acho que será ótimo. **Mas me lembre antes disso ok?**)
- A: XXXX (ininteligível)
- B: **Okay, wonderful. Thank you. But just remind me of it. I don't consult my agenda and I forget things, though I'm in touch with you almost everyday and so I won't forget.**  
(Ok, ótimo. Obrigada. **Mas torne a me lembrar. Não consulto a minha agenda e esqueço as coisas, apesar de que estando em contato com você quase todos os dias não vou esquecer.**)

alunas de pós-graduação (no telefone, após terem conversado, antes de desligarem)

6. B: I'd like to have you and Louis for dinner sometime.  
(Gostaria que você e Luís viessem jantar algum dia.)



- A: **Yes. After 5 weeks will be much better, though we have the weekends.**  
**(Sim. Depois de 5 semanas será melhor, porém temos os fins de semana.)**
- B: **Yes, but I understand, we have the kids, you don't, so it's another schedule.**  
**(É, eu entendo, nós temos as crianças, você não, bem é outro programa.)**
- A: **Yeah.**  
**(É.)**

Exemplos 5 e 6 chamam a atenção de brasileiros. A não ser que sejam convites formais (formatura, casamento, festas solenes, etc.) tal longa consideração de tempo antes de responder a convites informais para jantar não é prática comum no Brasil. O fato de que alguém precise consultar uma agenda é, também, mais comum nos grandes centros (Rio, São Paulo). Mas, será que a o espaço de tempo seria de 5 semanas? No exemplo 5, B teve que assegurar a sua interlocutora que não tem o hábito de consultar agenda. No exemplo 6, talvez B tenha se sentido ofendida e pode ser que não voltará a convidar A. No entanto, é importante lembrar que o exemplo 6 pode ser um caso idiossincrático. Observando amigos e colegas americanos notei que eles realmente consultam as suas agendas em muitos casos para confirmar ou desconfirmar convites, encontros, etc., mas o espaço de tempo para atender ou não o convite é, em média, de uma a duas semanas.

Se olharmos para os padrões sintáticos e semânticos usados para convidar, entre os brasileiros desta amostra, notamos que eles se mostram bastante semelhantes aos convites coletados e denominados por Wolfson (1981) de **"transparentes/não-ambíguos"** e que apresentam as seguintes características: (a) referência ao tempo e/ou lugar e atividade; (b) pedido de resposta, como no exemplo a seguir:

comunidade brasileira/alunas de pós-graduação  
(nomes utilizados são fictícios)/no telefone/

7. Luísa: Júlia, seria bom que você viesse aqui.  
Júlia: Também acho.

- Luísa: Por que não combina com o seu marido para virem jantar conosco neste fim de semana?
- Júlia: Certo.
- Luísa: Quando você acha melhor? **Sexta ou sábado à noite?**
- Júlia: Depende de você. Cheque com Pedro (marido de Luísa) e me avise, tá?
- Luísa: Acho que **sábado é melhor** porque na sexta estarei ocupada estudando.

De acordo com Wolfson, convites transparentes entre conhecidos de mesmo status social são relativamente infreqüentes em inglês norte-americano. O modo mais freqüente que norte-americanos utilizam para abrir negociações e formalizar um convite é expressando desejo para um compromisso social sem, no entanto, mencionar tempo ou lugar primeiramente. Wolfson denomina estes convites de "**opacos/ambíguos**". Dentre 14 convites dentro da comunidade brasileira, somente 3 foram considerados "ambíguos". Entre eles, o exemplo abaixo:

comunidade brasileira/alunas de pós-graduação  
(nomes são fictícios)

8. Maria: Vamos tomar café juntas na próxima semana?
- Alice: Vamos. Escolha o melhor dia para você.
- Maria: Tá, te telefono mais tarde.

O fato de que a data e o lugar não foram estabelecidos, coloca-o na categoria de ambíguo, embora o convite tenha sido breve e acontecido quando Alice estava saindo da sala de aula.

Nos exemplos 9 e 10, encontramos o que Wolfson denomina de "dicas de disponibilidade" ("availability leads"):

comunidade brasileira/alunas de pós-graduação (após terem se cumprimentado no telefone)

9. Luísa: **O que vai fazer amanhã?**

Júlia: Amanhã? Uma colega vai aparecer para trocarmos idéias sobre um trabalho que estamos fazendo. Ela é da África, você a conhece, não?

Luísa: Acho que sim. Ia te perguntar se gostaria de ir jantar comigo na casa de Neiva.

comunidade brasileira/homem-mulher

10. Luís: **Saiu hoje?**  
Júlia: Não.  
Luís: **Como não? Não levou seu marido para passear ainda? (O marido de Júlia havia acabado de chegar do Brasil)**  
Júlia: Ele já está acostumado. Além disso não temos carro. Fomos ao super-mercado e tivemos que carregar todas as compras?  
Luís: **Se vocês quiserem podemos ir juntos ao shopping amanhã.**

Tanto brasileiros quanto americanos, portanto, usam convites ambíguos e/ou transparentes. Por outro lado, o fato de apenas 3 dos 14 exemplos dentro da comunidade brasileira terem sido considerados ambíguos, é um resultado que contrasta com o inglês norte-americano.

Wolfson mostra que o convite ambíguo é um padrão comum em inglês, daí a má interpretação de falantes não-nativos que podem estar mais acostumados com o convite transparente. Não obstante, dois pontos merecem considerações.

Primeiro, o número limitado de exemplos e de participantes (dentro 14 exemplos entre brasileiros, 5 referem-se aos mesmos participantes) pode ter obscurecido os dados. Segundo, os participantes envolvidos são amigos. Através dos exemplos observados e coletados, pode-se observar que o conceito de "amigo" para um brasileiro pode implicar um grau de intimidade muito maior que "amigo/friend" para um americano. Mesmo "colega" para um brasileiro (em inglês pode ser traduzido como acquaintance, fellow) pode implicar um relacionamento muito mais íntimo do que um americano pretende ao chamar alguém de "acquaintance". Talvez o que

um brasileiro chama de "colega" esteja muito mais próximo do que um americano chama de "friend". Portanto, seria necessário comparar dados provenientes de três tipos de participantes (amigo que é íntimo/amigo que não é íntimo/ e "colega") para desemaranhar a suposição de que porque os informantes brasileiros eram amigos íntimos, convites transparentes foram mais freqüentes. O que conta como amizade e grau de intimidade ou distância social varia de uma cultura para outra e dentro da mesma cultura.

Em relação aos 16 exemplos entre brasileiros e americanos, todos foram convites ambíguos. Curiosamente, 4 deles foram convites feitos pela mesma brasileira:

11. B: Well, I'd like to invite you and your mom for dinner sometime. When is it possible for you?  
(Bem, gostaria de convidar você e a sua mãe para jantar. Quando seria bom para vocês?)
12. B: I'd like to have you and Louis for dinner sometime.  
(Gostaria de convidar você e Luís para jantar.)
13. B: They're going to have this talk and I'd like you to come over. What do you think?  
(Eles vão fazer este encontro e gostaria que viesse. O que acha?)
- 14: B: X's birthday is coming up. I'd like you to come.  
(O aniversário de X está próximo. Gostaria que viesse.)
- A: For sure that'll be fine. Do you have a date or what?  
(Ótimo. Já tem uma data ou ?)

Em todos estes exemplos, a falante brasileira faz uso de convites ambíguos, tentando não se impor a sua interlocutora. Podemos inferir que neste caso a brasileira parece já ter incorporado as normas norte-americanas apropriadas para o ato de convidar. No entanto, no exemplo B, a pergunta de A (Já tem uma data ou ?) mostra que por ser um convite de aniversário, o convite deveria especificar data, hora e lugar imediatamente como um convite transparente. De qualquer modo, B esclarece que não tem data ainda.

Além disso, é interessante notar, que a brasileira nos exemplos acima (11, 12, 13, 14) usou a estrutura *I'd like to ...* para convidar. Esta forma não está dentro dos padrões que Wolfson, Huber e D'Amico-Reisner (1983) acharam como mais significantes:

<b>(Do you) - want to/wanna + VP</b>	<b>(Você quer + verbo )</b>
<b>Why - don't we/you + VP</b>	<b>(Por que não + verbo)</b>

Parece ser um caso de transferência de treinamento de sala de aula. Expressões como *"I'd like to"* ou *"I wonder"* são praticadas e repetidas intensamente em aulas de língua inglesa como sendo de registro mais educado ou formal.

Em relação aos tópicos tratados há bastante semelhança com os encontrados por Wolfson. O tópico mais recorrente foi convidar para comer (almoçar/jantar): 9 exemplos entre brasileiros e americanos dentre 16; 7 entre brasileiros dentre 14; todos os 4 entre os americanos. A principal diferença é em relação ao local. Na comunidade acadêmica é muito comum convidar pelo prazer de estar juntos e discutir um assunto acadêmico. Fora da comunidade acadêmica, entre os brasileiros, a metade dos convites (7) foi para almoçar/jantar na casa de um pelo prazer de estar juntos.

Todos os convites expressos entre brasileiros e americanos foram ambíguos, ou seja, os brasileiros poderiam ou não desenvolver negociação para completar o convite. Entre brasileiros, o padrão mais comum foi o de convites transparentes.

Pode ser o caso de que porque as pessoas têm uma vida ocupada nos centros industriais urbanos é muito difícil para elas manter velhos amigos ou fazer novos (Wolfson, 1981). Convites ambíguos são estratégias sociais para indicar o desejo de estar junto enquanto ao mesmo tempo há um lamento subjacente por não ter o tempo para isso. Este parece ser o caso com a maioria dos convites feitos pelos americanos que parecem reservar os convites transparentes apenas para os seus íntimos. Amigos brasileiros, por outro lado, por não serem tão monocronicamente orientados, podem encontrar mais facilidade para ficarem juntos e produzirem, mais freqüentemente, convites transparentes.

## **Implicações e Conclusão**

Como foi dito no começo, este trabalho não é uma avaliação rigorosa do que seja o comportamento verbal de americanos e brasileiros em relação ao ato de convidar, nem pretende traçar generalizações, mas, apenas, munido com o devido espírito de exploração, tenta levantar alguns pontos que possam merecer futuras investigações. Como parece que convites são estratégias sociais para iniciar amizade, um próximo passo na análise seria tentar desemaranhar o que conta como "amigo" para um brasileiro e para um americano. O fato de que a cortesia americana, às vezes, seja tomada como amizade pode levar a desentendimentos interculturais dolorosos.

Além disso, a distinção entre o convite norte-americano, monocronicamente orientado, e o brasileiro, policronicamente orientado, merece maior elaboração e coleta de dados não só com brasileiros recentemente chegados aos Estados Unidos, mas com brasileiros de grandes centros urbanos (Rio e São Paulo) em contraste com brasileiros de cidades menores. A não percepção desta distinção pode levar brasileiros a pensarem que convites feitos por norte-americanos são muito difíceis de serem negociados e que os mesmos estão sempre "ocupados".

Como professores de língua, seja materna ou estrangeira, muitos de nós fomos/somos afetados pela noção de competência comunicativa, proposta por Hymes (1972)<sup>2</sup>, e tentamos introduzir, em nossas salas de aulas, linguagem como meio de comunicação/interação onde o aprendiz usa a língua de forma ativa de acordo com suas necessidades. Hoje, acreditamos que o sentido não é inerente à frase, mas é negociado e construído pelos usuários da linguagem. Pessoas

---

<sup>2</sup> Hymes (1972) define competência comunicativa (CC) "como todo conhecimento subjacente e a habilidade que o falante-ouvinte possui para usar a língua. Uma pessoa adquire CC sobre quando falar, quando não falar, o que falar, com quem falar, onde e de que maneira."

e a linguagem que usam são vistas dentro de seu contexto social e cultural.

Vale lembrar, portanto, que aspectos sociais e culturais do uso da língua não devem estar ausentes da sala da aula. Os atos da fala como convidar, elogiar, pedir desculpas, queixar-se, etc. constituem-se como dados legítimos/autênticos para se descobrirem as regras sócio-culturais da fala. No caso de convites, uma de suas funções parece ser o de iniciar uma conversa, de iniciar interação social e, se aprendizes de inglês, ao receberem um convite feito por norte-americano, dizem apenas "No, thank you" (Não, obrigada) estão perdendo não somente a oportunidade de socialização, mas de serem expostos à língua, de negociarem sentido, e, conseqüentemente, de desenvolverem o seu inglês.

O tipo de abordagem de pesquisa aqui descrito fornece elementos de reflexão não só para aprendizes de inglês como língua estrangeira, mas para os próprios falantes nativos, seja de inglês norte-americano ou de português do Brasil, já que normas sócio-culturais não estão a nível de consciência dos falantes nativos, que apesar de capazes de interpretar porque uma norma social foi quebrada, não são capazes de descrever com acuidade suas próprias normas de fala. Concordamos com Wolfson (1989, p. 31) que diz: ... "a análise da variação do nosso próprio comportamento verbal e os padrões sócio-culturais subjacentes demonstrados por ela fornecem uma visão pela qual nossa própria sociedade é estruturada e abre o caminho para uma nova e profunda apreciação da forma que o nosso mundo social opera". Segundo Gusdorf (1952, p. 29, citado em Gadotti, 1993, p. 13), a língua só tem sentido quando está relacionada com a vida. A análise dos códigos lingüísticos em si mesma não tem sentido. Dentro desta abordagem em que aspectos sócio-culturais são levados em consideração e em que a variação lingüística e cultural tomam-se evidentes, "o campo do outro se alarga na multiplicação dos discursos e das falas" (Gadotti e Mânfió, 1993, p.13).

## BIBLIOGRAFIA

- Ervin-Trip, Susan. *On sociolinguistics rules: Atermation and co-occurrence*. In John Gumperz and Dell Hymes (eds.), *Directions in Sociolinguistics*, New York: Holt, Reinhart and Winston, 1972.
- Gadotti, M. e Mânfió, A. J. *Unidos ou dominados: plurilingüismo, diversidade cultural e a integração Mercosul*. Palestra proferida no Seminário Educação sem Fronteiras, Foz de Iguaçu, 17-19 novembro, 1993.
- Godard, D. *Same setting, different norms: Phone call beginnings in France and the United States*. *Language in Society*, 6 : 209-219. Printed in Great Britain, 1977.
- Harrison, P. A. *Behaving Brazilian: A comparison of Brazilian and North American social behavior*. Rowley, Mass.: Newbury House, 1986.
- Hymes, D. *On Communicative Competence*. In Pride, J. e Holmes, D. (eds.), *Sociolinguistics*. London: Penguin, 1972.
- Wolfson, N. *The social dynamics of native and non-native variation in complimenting behavior*. In Penn Working Papers in Educational Linguistics, Spring. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1989.
- Wolfson, N. *Invitations, compliments and the competence of the native speaker*. *International Journal of Psycholinguistics*, 24.4:7-22, 1981.
- Wolfson, N., Hubner, L. & D'Amico-Reisner, L. *How to arrange for social commitments in American English: the invitation*. In Wolfson, N. and Judd, E. (eds.) *Sociolinguistics and Language Acquisition*. Rowley, Mass.: Newbury House, 1983.